

Paisagens de afetos na gravura de Irene Ribeiro

MANUEL MOREIRA*

Artigo completo recebido a 9 de setembro e aprovado a 24 de setembro de 2013

*Manuel Moreira, Portugal. Artista Plástico e professor. Licenciatura em Artes Plásticas — Escultura da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. A concluir o Mestrado em Ensino das Artes Visuais da Universidade de Lisboa.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes. Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: manuelmoreira22@gmail.com

Resumo: Este artigo é sobre a obra gráfica Irene Ribeiro, uma artista de referência no contexto da gravura contemporânea portuguesa. Pretende ser um contributo para a compreensão e reflexão da obra da artista, numa temática onde predominam as paisagens e que provocam emoções, numa relação íntima com a natureza.

Palavras-chave: Paisagens / gravura / poesia / ensino / emoções.

Title: *Landscapes of affections in the printmaking of Irene Ribeiro*

Abstract: *This article is about the graphic work of Irene Ribeiro, an artist reference in the context of contemporary Portuguese printmaking. Intends to be a contribution to the understanding and reflexion of the artist's work, a theme dominated by the landscapes and causing emotions, in a close relationship with nature.*

Keywords: *Landscapes / printmaking / poetry / teaching / emotions.*

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo fazer uma abordagem de carácter científico sobre o trabalho desenvolvido pela artista/gravadora Maria Irene Ribeiro e recolher elementos que ajudem a sistematizar o seu percurso e a sua obra gráfica. Irene Ribeiro “completa a sua atividade de gravadora, dedicando-se com muito carinho e grande empenho ao ensino da gravura” (Silva, 1989: 52), a qual vive de forma intensa. Desenvolveu projetos na área do ensino que merecem referência, quer pela sua dimensão quer pelo seu carácter inovador, na forma de descoberta através das artes e da aprendizagem através da gravura.

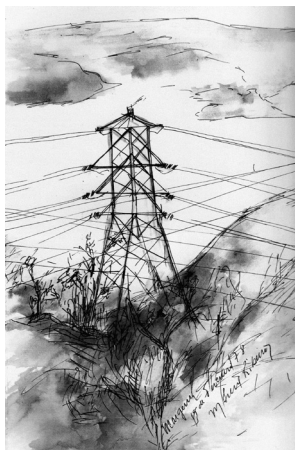


Figura 1 · *Desenho a aguarela, 1978*
 Fonte: Caminhos D'Água, Irene Ribeiro

O contacto direto com a artista permitiu observar o seu trabalho com proximidade, possibilitando a recolha de novos dados e a confirmar factos, que ajudaram a preencher as lacunas existentes.

2. O percurso de uma vida dedicada à gravura

Ao estudar a gravura em Portugal não se pode deixar de falar de Maria Irene Ribeiro, uma referência no panorama da gravura contemporânea portuguesa, com um vasto currículo que conta com 40 anos dedicados exclusivamente à gravura e, 'que atestam uma atividade intensa como gravadora e orientadora de cursos de arte' (Jardim, 1994 s.p.).

Maria Irene Ribeiro (1949) nasceu em Gemeses, numa pequena aldeia rural do concelho de Esposende, no norte litoral português. Este ambiente bucólico da sua infância e o contacto com a natureza, influenciaram para sempre a sua forma de fazer arte, na qual a natureza é um tema recorrente, tratado de uma forma intimista e com afectividade. "Este encantamento com o natural é uma forma de gostar das pessoas e, se gosta da natureza também se gosta das pessoas", diz a artista.

Com apenas 10 anos foi para o Brasil onde passou a sua infância e juventude. Durante o percurso escolar, começou a evidenciar a sua apetência para as artes, constatado também pela sua professora primária denotando uma natural vocação, sendo aconselhada a prosseguir os estudos neste campo e todo o seu caminho posterior é orientado nesse sentido.

As artes sempre estiveram presentes até ao seu ingresso na Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Alvares Penteado, em São Paulo onde se Licenciou em Desenho e Plástica (1970/73). É durante este período de permanência na faculdade que descobre a gravura, seduzida pelos processos e

metodologias de trabalho e das inúmeras possibilidades na exploração plástica que a gravura oferece. Conhece Evandro Jardim, um dos seus orientadores da área de desenho e gravura e que a irá influenciar no modo de olhar e de fazer gravura e que dizia reiteradamente: “olhar o que está ao nosso lado, o que nos rodeia, e começar a desenhar”, nas palavras da artista (Figura 1).

O momento em que Irene Ribeiro descobre a gravura é recordado por Jardim, num texto da autoria da artista: “Reflexões acerca de um ofício”, em que menciona “o gosto que tenho pela arte gráfica surgiu num dia quando deparei numa improvisada oficina de gravura, numa antiga escola de belas artes” (Jardim, 1994 s.p.). Irene Ribeiro destacou-se “pela qualidade de seu trabalho como gravadora e professora de arte” (Jardim, 1994 s.p.) sendo convidada a assumir o papel de assistente da cadeira de gravura.

Em 1977 regressa a Portugal, traz do Brasil a formação e o conhecimento mas o sentimento é português; considera-se “uma pessoa híbrida”, com influências dos dois lados. Num primeiro contacto com o pintor Fernando de Azevedo, este fica seduzido pelas obras de Irene Ribeiro que “deixaram adivinhar todo um percurso que cada vez mais se vem afirmando no panorama da gravura portuguesa contemporânea” (Azevedo, 1994:30).

Dada a qualidade do seu trabalho, facilmente obtém uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian em 1979/80 e realiza um estágio na Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses. Fundada em 1956, com sede em Lisboa, esta instituição é de relevante importância e que “institucionaliza a gravura contemporânea em Portugal, dando forma a uma expressão artística remetida ao esquecimento” (Gomes, 2010: 6).

Irene Ribeiro dá continuidade aos seus projetos, ao mesmo tempo que investiga sobre a “gravura popular”. O reconhecimento pelo trabalho leva a Cooperativa a convidá-la a dar formação; uma das premissas da Cooperativa, que consistia em “realizar cursos das diferentes técnicas de gravura, fundamentais para a formação de muitos artistas pouco familiarizados com esta prática artística” (Gomes, 2010: 6).

Irene Ribeiro permanece na Cooperativa de Gravadores como formadora até 1984, saindo para formar um grupo com artistas dissidentes e que deu origem ao Atelier 15, também ligado à gravura. A dinâmica incutida abre novos caminhos e, em 1985 é criada a Associação de Gravura da Amadora — AGA, com sede na Amadora, do qual fazem parte elementos do grupo formado anteriormente, o Atelier 15. Em 1988 surge a I Bienal de Gravura na Amadora, que contou com sete eventos até ao ano 2000. A dinâmica cultural envolvida, ajudou à “re-descoberta” da gravura, numa época de aparente declínio, contribuindo para o ressurgir de novos valores e a divulgar de trabalhos de artistas consagrados.

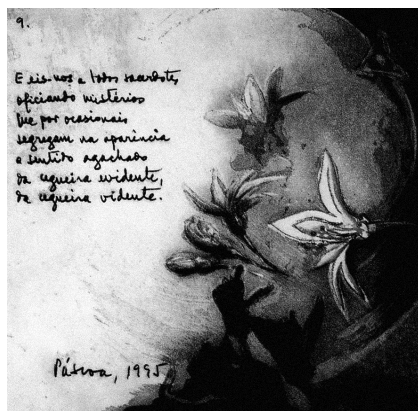


Figura 2 · *Flor de Angra II*, fotoetching, água tinta e buril, 2 matrizes 32 x 24,5cm, 1989. Fonte: Caminhos D'Água, Irene Ribeiro

Figura 3 · *Poema nº 9*, água forte e água tinta, 2 matrizes 20 x 20cm, 1995. Fonte: Caminhos D'Água, Irene Ribeiro

Figura 4 · *Paineiras de S. Bernardo do Campo*, água tinta e buril, matriz 19,7 x 19,7cm, 1981. Fonte: Caminhos D'Água, Irene Ribeiro

3. As Paisagens de afetos e a poética do lugar

Na obra gráfica de Irene Ribeiro predominam as gravuras em pequeno formato “executadas através da combinação dos processos puros, isto é, da água-forte, da água-tinta, mezzo-tinta e do buril” (Azevedo 1980: 70). Assume-se como uma experimentalista mas mantém-se fiel aos métodos tradicionais; considera os métodos contemporâneos, por exemplo o *fotopolímero*, “desprovidos de matéria, de carácter, onde não se sente a mão do autor” (Figura 2).

O seu processo criativo está ligado à forma como sente e observa o lugar, recolhe elementos do local; gosta de colecionar objetos que caracterizam essa identidade, são elementos ligados a um sítio que podem ser recortados e formar diferentes composições.

O “sentir o meio envolvente é entre outros o princípio que norteia o artista” (Silva, 1989: 52). Também recorre à imagem fotográfica em consonância com a gestualidade do desenho “fazendo jogar negros com os rasgos do buril, numa combinação apurada e pessoal dos processos tradicionais” (Cristina de Azevedo Tavares, 1985: 43). Algumas das gravuras assumem um carácter fotográfico mas não são fotografia, são memórias guardadas à espera de serem descobertas (Figura 3).

Ao nível da temática, predominam as paisagens e a poesia, onde “combina o visível com o inconfessável. Só a poesia o faz” (Azevedo, 1989 s.p.). O sabor de uma infância repartida pelos dois continentes “tornam toda a sua obra uma viagem sentimental, como que um extenso mapa vivido e anotado” (Azevedo, 1989, s.p.). Os elementos naturais assumem especial protagonismo ao serem enquadrados num elemento paisagístico: podem ser paisagens “afeiçoadas do nosso desencanto, à nostalgia do mar, de pedras, pássaros, de cortinas com flores, de paisagens com gaivotas, de romãs e avencas” (Jones, 1998: 25) ou janelas entreabertas, que se em valores cromáticos, onde a figura humana está quase sempre ausente. Sobre o abstracionismo e a questão da natureza aprez referir o texto de João Peneda que:

A obra plástica não nos devolve a Natureza, mas procura representa-la recorrendo a determinados elementos (visíveis) como a forma, a linha, o traço (contorno), a textura abstrata, porque é uma representação da vida (Peneda, 2010: 54).

Numa análise reflexiva sobre as paisagens de Irene Ribeiro, Paula Caetano, artista plástica e educadora do Brasil, na sua tese de mestrado “Fluxos da Paisagem: uma panorâmica do ABC paulista vista pela pesquisa imagética”, verifica similaridades na representação de elementos da paisagem tanto em São Bernardo (Figura 4) como em Portugal e faz uma analogia com uma gravura de Rembrandt, onde predominam os mesmos elementos (Figura 5):

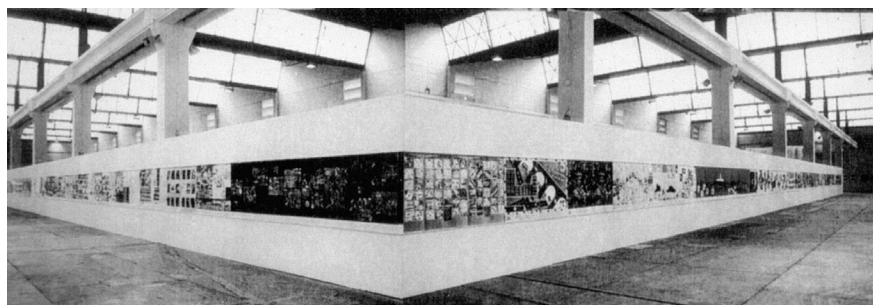


Figura 5 · *Três Árvores*, gravura em metal, Rembrandt, Séc. XVII
 Fonte: <http://sumidoiro.wordpress.com>

Figura 6 · *A Maior Gravura do Século*, VII Bienal de Gravura da Amadora, 2000. Fonte: Gravura na Escola II, Irene Ribeiro
 Fonte: Gravura na Escola II, Irene Ribeiro

a mesma que, em 1643, Rembrandt encontra na água-forte “As Três Árvores. Em ambas estão as três árvores, A linha de horizonte bem definida e um amplo céu. A questão compositiva é diferente em cada uma. Rembrandt coloca suas árvores suas árvores à direita e amplia a superfície à esquerda. Já Irene espia por detrás das árvores (Caetano, 1998: 27).

4. A maior gravura do século leva a gravura à escola

Desde de 1973 que Irene Ribeiro se tem dedicado à gravura pondo todo o seu conhecimento ao serviço do ensino, promovendo e dinamizando atividades que contribuíram para o enaltecimento e divulgação da gravura. Note-se que “a pedagogia da gravura, em Portugal, o seu ensino, deve nos últimos anos, a Maria Irene Ribeiro quase exclusivamente” (Azevedo, 1994: 31), numa época que se evidenciava um grande declínio da gravura.

O projeto Rede Escolar de Gravura — REGRA, nasce em 1995 e funciona até o ano 2000 e surge na sequência de ações de sensibilização e formação para docentes de todos os níveis de ensino em Portugal e no Brasil. As características inovadoras deste projeto escolar têm por base a divulgação das tecnologias da gravura como ferramenta pedagógica e promover o intercâmbio entre cidades através de atividades escolares (Figura 6).

A dimensão e o carácter inovador deste projeto também é reconhecido por Emília Nadal em que Projeto REGRA:

estrutura-se numa inovadora interação entre a aprendizagem das técnicas de gravura e a iniciação às expressões artísticas contemporâneas no processo de atividade formativa, como metodologia para a formação de professores e dos alunos na área do ensino artístico (Nadal, 1998: 9).

Participaram “diferentes níveis de ensino, do jardim de infância” (Mourão, 2004: 71) com o objetivo de explorar o processo as potencialidades de uma “linguagem técnico-expressiva” (Mourão, 2004: 71) através de processo reproduzível, levando a gravura à escola com uma metodologia inovadora no ensino artístico, num período em que modelo de ensino de ainda sob a influência da “Educação pela Arte” inspirado em Herbert Read, em que se “propunha o desenvolvimento harmonioso da personalidade, através de atividades de expressão artística” (Perdigão, 1981: 287).

5. Considerações finais

As paisagens e a poesia estiveram sempre presentes ao longo dos 40 anos de vida artística de Irene Ribeiro. As emoções gravadas na matriz carecem de um estudo que ajude a desvendar os enigmas latentes na matriz, gravados numa

simplicidade aparente. Este artigo é um contributo para o desenvolvimento de um trabalho mais aprofundado e de carácter de investigativo, que enquadre a sua obra na história da gravura portuguesa e que valorize os projetos desenvolvidos no ensino da gravura, evidenciando as suas potencialidades para o desenvolvimento de novas pedagogias, complementares nas aprendizagens da formação artística.

Referências

- Gomes, Inês Vieira (2010) *Sociedade de Gravadores Portugueses: O renascimento da gravura em Portugal*, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
- Ribeiro, Irene (1998) *Caminhos D'Água*, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
- Ribeiro, Irene Org. (2000) *Gravura na Escola II. A Maior Gravura do Século*, Amadora: AGA-Associação de Gravura da Amadora.
- Ribeiro, Irene Org. (2004) *Gravura na Escola III. Artistas Contemporâneos Portugueses e Brasileiros*, Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes
- Ribeiro, Maria Irene (1998) *Gravura 1974/1994*, Catálogo: edição da autora
- Silva, Manuela & Tamen, M. Isabel, Org. (1981) *Sistema de Ensino em Portugal*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Tavares, Cristina Azevedo & Dias, Fernando Org. (2008) *As Artes Visuais e as outras Artes: Arte e Abstracção*, Actas da Conferências, Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. pp 51-61